

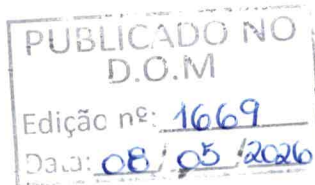


Prefeitura do Município de Cajamar

ESTADO DE SÃO PAULO

LEI Nº 2.253, DE 8 DE MAIO DE 2026

“DISPÕE SOBRE A DENOMINAÇÃO DA VIA DE ACESSO 41,385 – RODOVIA EDGARD MÁXIMO ZAMBOTTO (SP 354), LOCALIZADA NO RESIDENCIAL VISTA BELLA, BAIRRO SANTA TEREZINHA, NO DISTRITO DE JORDANÉSIA - CAJAMAR, PASSANDO A DENOMINAR RUA GABRIEL SANTOS DE PAULA”.



AUTORIA DOS VEREADORES ALEXANDRO DIAS MARTINS, REINALDO SANTOS E WILLIAM SILVA OLIVEIRA

KAUÃN BERTO SOUSA SANTOS, Prefeito do Município de Cajamar, Estado de São Paulo, no uso das atribuições legais **FAÇO SABER** que a Câmara Municipal aprovou, e eu sanciono e promulgo a presente Lei:

Art. 1º Fica denominada **RUA GABRIEL SANTOS DE PAULA**, a Via de Acesso 41,385 – Rodovia Edgard Máximo Zambotto (SP 354), localizada no Residencial Vista Bella, Bairro Santa Terezinha, no Distrito de Jordanésia, Município de Cajamar.

Parágrafo único. A biografia do homenageado fica fazendo parte integrante desta Lei.

Art. 2º O Executivo Municipal providenciará a execução e a instalação da placa nominativa de que trata o art. 1º desta Lei.

Art. 3º As despesas decorrentes com a execução da presente Lei, correrão por conta de dotações orçamentária próprias, suplementadas se necessário.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Cajamar, 8 de maio de 2026.

KAUÃN BERTO SOUSA SANTOS
Prefeito de Cajamar



Prefeitura do Município de Cajamar

ESTADO DE SÃO PAULO

Lei nº 2.253/2026 - fls. 2



LEANDRO MORETTE ARANTES
Secretário Municipal de Desenvolvimento Urbano e Econômico

Publicada no Diário Oficial do Município e arquivada em pasta própria, no local de costume.



LUCIANA MARIA COELHO DE JESUS STELLA
Secretaria Municipal de Governo



Prefeitura do Município de Cajamar

ESTADO DE SÃO PAULO

Lei nº 2.253/2026 - fls. 3

BIOGRAFIA

Gabriel Santos de Paula nasceu dia 13 de Junho de 1997. Vilma Maria dos Santos, sua mãe, relembra com emoção como foi a chegada de Gabriel em sua vida. Ela descobriu a gravidez já aos quatro meses, após sentir uma dor persistente na lateral da barriga e procurar atendimento médico. A notícia veio de forma inesperada: ela já estava na metade da gestação. Gabriel nasceu prematuro, com apenas sete meses, e precisou permanecer 45 dias na UTI e, depois, mais 7 dias na incubadora, já fora de perigo.

O momento de levá-lo para casa foi inesquecível. Vilma conta que apresentou cada espaço do lar ao filho, como se ele pudesse compreender: “

Aqui vai ser sua nova casa.” Ele observava tudo com seus olhinhos atentos, sem entender, mas já pertencendo àquele lugar. Na época, Vilma morava com sua mãe, que havia preparado cuidadosamente a cama e deixado tudo pronto para receber o neto.

Nos primeiros meses, Gabriel era muito mimado por todos da casa, o que acabou fazendo com que demorasse um pouco para andar. Com quase um ano e meio, ainda preferia o colo de todos. Foi então que o tio Carlos decidiu intervir: todos os dias colocava Gabriel apoiado sobre seus pés e o incentivava a dar passos.

“Vai andar, bicho preguiçoso, vai andar!”, dizia em tom de brincadeira. Entre risadas, Gabriel começou a dar seus primeiros passos. E Vilma faz questão de lembrar que foi o tio Carlos quem o ensinou a andar.

Desde muito pequeno, Gabriel já demonstrava ser extremamente carinhoso. Gostava de beijar, abraçar e estar sempre por perto. Não deixava a mãe sozinha nem por um instante, nem mesmo quando ela ia ao banheiro, ele ficava do lado de fora insistindo para entrar. Era grudado, amoroso e muito bonzinho. Não era uma criança chorona, mas sim tranquila e afetuosa.

Por volta dos três anos, começou a fase da curiosidade intensa. Gabriel mexia em tudo. Em uma dessas travessuras, colocou diversos objetos dentro do videocassete da avó: pilhas, pregadores e até pedaços de pizza mofada. O aparelho precisou ser consertado.

Na casa da tia que morava nos fundos, a história se repetia: ele mexia nos bibelôs e acabou quebrando quase todos.

Mesmo arteiro, Vilma sempre conversava com ele, ensinando o que era certo e errado. Antes de sair de casa, sentava-se com o filho para orientá-lo, explicando com paciência que não podia mexer nas coisas dos outros.

Essas memórias, para ela, mostram como Gabriel sempre foi desde o início: curioso, carinhoso, alegre e muito ligado à família.

Sergio de Paula Sobrinho, pai de Gabriel, e Vilma concordam em algo sem hesitar: desde muito pequeno, o filho já demonstrava uma vontade incomum de trabalhar e conquistar suas próprias coisas.

Ainda criança, por volta dos sete ou oito anos, Gabriel se encantou ao ver os coletores de lixo passando pela rua. Observava os homens correndo, subindo no caminhão, e aquilo o divertia profundamente. Dizia com entusiasmo que, quando crescesse, queria ser lixeiro.



Prefeitura do Município de Cajamar

ESTADO DE SÃO PAULO

Lei nº 2.253/2026 - fls. 4

Todos os dias fazia questão de levar o lixo para fora de casa e esperar o caminhão passar. Quando os via, gritava animado:

“Lixeiro, eu quero ser que nem tu quando eu crescer!”

Em certa ocasião, um dos trabalhadores, em tom de brincadeira, disse que ele deveria estudar para ser “algo melhor”. E Gabriel, com sua simplicidade, respondeu:

“Mas melhor que isso?”

Com o tempo, os sonhos foram mudando. Passou a dizer que queria trabalhar no Frango Assado, onde o pai trabalhava, afirmando que lavaria copos e banheiros para ganhar dinheiro. Depois, decidiu que queria ser garçom, e dessa vez falava com convicção. Os pais sempre o aconselhavam a estudar, a terminar a escola e pensar no futuro com calma. Ele respondia que iria sim concluir os estudos, mas que também precisava trabalhar. E ele cumpriu o que dizia.

Aos 11 anos, por conta própria, conseguiu um trabalho entregando panfletos para um mercado em Jordanésia. Um homem o buscava de perua na porta de casa e o levava até o local. Algum tempo depois, pelo bom desempenho, foi convidado a trabalhar como empacotador no mesmo mercado.

Foi nessa época que Sérgio recebeu uma ligação inesperada do Conselho Tutelar pedindo sua presença. Preocupado, imaginou que o filho tivesse feito algo errado. Ao chegar lá, recebeu uma surpresa: Gabriel havia conseguido o trabalho sozinho. A única condição imposta foi que ele mantivesse boas notas na escola e soubesse conciliar estudo e trabalho.

A situação que começou como susto terminou em orgulho.

Aos 14 anos, Gabriel realizou seu sonho de ser garçom ao conseguir uma vaga no Pesqueiro do Elias. Trabalhou ali por bastante tempo, juntando cada centavo que ganhava.

Com 16 anos, surgiu a oportunidade de comprar seu primeiro carro. Vilma chegou a questionar como ele faria isso se ainda não tinha idade para dirigir. Mas Gabriel já tinha tudo planejado: pagaria o carro antes dos 18 anos, deixaria guardado, e assim que tirasse a CNH, já teria seu veículo.

E foi exatamente o que aconteceu. Ao completar 18 anos, tirou sua carteira de motorista, estava com o carro quitado e, logo em seguida, ainda adquiriu uma moto, enxergando nela mais uma oportunidade de trabalho.

Para Sérgio, Gabriel sempre foi motivo de orgulho. Desde muito cedo, incentivou o filho nas paixões que surgiam, fosse pelos carros, pelas motos ou pelo trabalho. Via nele determinação e vontade de crescer. Enquanto o pai incentivava e vibrava com cada conquista, a mãe acompanhava com o coração apertado, como toda mãe que teme pelos riscos do mundo. Era o equilíbrio entre orgulho e proteção.

Quando fala do nascimento, a memória ainda emociona. Gabriel nasceu prematuro, tão pequeno que cabia na palma de sua mão. Sérgio lembra que tinha medo até de segurá-lo, receoso de machucar aquele serzinho tão frágil. Era minúsculo, delicado, mas já carregava uma força silenciosa que o fazia lutar desde os primeiros dias de vida. Sete dias na incubadora, sete dias de apreensão, fé e espera, até que finalmente pudesse ir para casa.

Vilma relembra o filho com uma mistura de saudade e carinho profundo. Para ela, Gabriel foi, acima de tudo, um filho extremamente amoroso.



Prefeitura do Município de Cajamar

ESTADO DE SÃO PAULO

Lei nº 2.253/2026 - fls. 5

Ela conta que ele era um “grude”. Beijava, abraçava, dizia que a amava o tempo todo. Às vezes, até brincava pedindo um pouco de espaço:

“Sai, menino! Que perturbação!”

Mesmo já crescido, com 1,72m de altura, Gabriel deitava sobre ela no sofá, abraçando-a como se ainda fosse criança. Era muito apegado. Se percebia que a mãe sentia qualquer dor, imediatamente perguntava se ela estava bem, se queria que ele fosse à farmácia buscar um remédio. Sempre atento, sempre cuidadoso.

A primeira lembrança que vem à mente de Vilma quando pensa nele é da fase em que tinha entre três a quatro anos. Gabriel era uma criança que brincava muito, mas costumava brincar sozinho, entretido em seu próprio mundo.

Foi nessa época que ela descobriu que estava grávida de Carolini dos Santos de Paula. Sentou-se à mesa com o filho e contou que havia um bebê em sua barriga. Perguntou se ele queria um irmãozinho para brincar com seus brinquedos.

A resposta veio rápida e sincera: “Não! Eu quero uma menina. Não vou dividir nada meu com menino nenhum!”

E, para a surpresa de todos, ele acertou.

Quando Carolini nasceu, Gabriel se mostrou completamente apaixonado pela irmã. Avisava a mãe quando a bebê acordava, quando chorava, ajudava a pegar roupinhas e participava ativamente dos cuidados. Era atencioso, carinhoso e presente.

Os dois cresceram muito próximos. Andavam de bicicleta, iam ao parque, brincavam juntos o tempo todo. Mas também brigavam bastante. Carolini tinha um temperamento forte e partia para cima dele nas discussões. Gabriel, por sua vez, queria revidar, mas lembrava dos ensinamentos da mãe. Vilma sempre reforçava que ele era mais forte e não deveria bater na irmã, ao mesmo tempo em que corrigia Carolini por suas atitudes.

Na adolescência, as brigas ficaram mais intensas, a ponto de ficarem algum tempo sem se falar. Vilma precisava intervir para fazer as pazes. Gabriel também provocava: era cheio de gracinhas, brincadeiras e palhaçadas. Segundo a mãe, ele tinha vocação para humorista, pois gostava de fazer todos rirem.

Mesmo entre discussões e provocações, o cuidado entre os dois sempre esteve presente. Eles brigavam, mas se protegiam e se amavam.

Quando Vilma anunciou a chegada da terceira filha, a reação de Gabriel e Carolini foi de pura felicidade. A expectativa pelo novo bebê encheu a casa de alegria. Com o nascimento de Cibeli Santos de Paula, o carinho que Gabriel já demonstrava pelas irmãs se intensificou ainda mais. Ele e Carolini não desgrudavam da caçula. A bebê mal respirava e os dois já estavam por perto, atentos a cada movimento.

Gabriel era completamente apaixonado pela irmã mais nova. Em determinado momento, Carolini chegou a sentir ciúmes, acreditando que o irmão já não lhe dava a mesma atenção de antes. Vilma explicava que era apenas cuidado com a bebê, mas, segundo ela mesma, o ciúme existiu.

Os dois ajudavam nos cuidados diários: penteavam o cabelinho, queriam participar do banho, ajudavam a trocar roupas. Era um cuidado leve, carinhoso e cheio de zelo.

A



Prefeitura do Município de Cajamar

ESTADO DE SÃO PAULO

Lei nº 2.253/2026 - fls. 6

Assim como havia presenciado os primeiros passos de Carolini, Gabriel também acompanhou de perto os primeiros passos de Cibeli. Incentivava, chamava, apoiava, e comemorava cada avanço da irmã.

Mas, mais do que participar dos momentos felizes, Gabriel também tinha um papel especial nos momentos difíceis. Quando Cibeli aprontava algo e a mãe ficava brava, ela corria para o quarto dele. Gabriel a colocava em cima da cama, entregava cadernos, lápis de cor e a distraía até que o clima ficasse mais calmo.

Vilma se recorda de ouvir, do outro cômodo, ele dizendo baixinho:

“Vai lá agora... hoje ela tá brava.”

Era a forma que ele encontrava de proteger a irmã e poupá-la do nervosismo do momento.

Segundo a mãe, os três filhos sempre tiveram um amor muito forte entre si. Havia discussões, como em toda relação entre irmãos, mas nada que não pudesse ser resolvido. E, na maioria das vezes, cabia a ela intermediar as situações. ✓

O que sempre prevaleceu foi o cuidado, a proteção e o amor incondicional que Gabriel demonstrava pelas duas irmãs.

Ao imaginar o que diria a Gabriel hoje, Vilma não hesita. Suas palavras vêm carregadas de amor e saudade:

“Eu morro de amor por você. Desde quando descobri que estava grávida, eu sentia que era um menino e que você faria toda a diferença na minha vida, e faz até hoje. Sua presença deixou muitas lembranças, muito sorriso, muitas palhaçadas comigo, com seu pai e com suas irmãs. A casa era feliz, mas ficava ainda mais feliz quando você chegava.”

Ela relembra o jeito barulhento e alegre do filho ao entrar em casa, já cantando, falando alto, acordando todos, espalhando sua energia por onde passava.

Para Vilma, é difícil lembrar de qualquer coisa ruim. As memórias que ficaram são apenas de alegria, carinho e amor.

“Você marcou a nossa vida e a nossa história. Eu te amo além dessa vida.”

Segundo ela, o que Gabriel deixou na família foi uma saudade imensa, acompanhada de lembranças tão boas que aquecem o coração mesmo na ausência.

Ao longo dos anos, Sérgio viu aquele bebê frágil, que um dia coube na palma de sua mão, se transformar em um jovem trabalhador, responsável e apaixonado por motores e velocidade. Incentivou seus sonhos, ensinou o que sabia, aconselhou quando foi preciso. Sentia orgulho ao vê-lo amadurecer, assumir responsabilidades e demonstrar, tão cedo, cuidado e compromisso com a família.

Para Sérgio, Gabriel foi mais do que um filho. Foi companheiro de conversas, parceiro de aprendizados, motivo constante de orgulho. Foi continuidade, alguém em quem ele via valores, força e caráter refletidos.

E mesmo na ausência, o que permanece é esse sentimento maior: o privilégio de ter acompanhado cada fase daquele menino tão pequeno e tão forte, que cresceu, deixou sua marca no mundo e se tornou inesquecível no coração de todos que o amaram.

Para Carolini, a irmã do meio, Gabriel era muito mais do que um irmão, era companhia constante, era presença, era vínculo profundo. Eles eram “grudados, muito, muito, muito”,



Prefeitura do Município de Cajamar

ESTADO DE SÃO PAULO

Lei nº 2.253/2026 - fls. 7

como ela mesma define. Cresceram fazendo tudo juntos, compartilhando brincadeiras, segredos, implicâncias e proteção. Havia entre eles uma amizade verdadeira, daquelas que atravessam fases e mudanças.

Na infância, subiam em árvores, inventavam mundos e trocavam papéis nas brincadeiras. Muitas vezes, Carolini dizia que era o “irmão” dele, porque estavam sempre juntos nas aventuras. Brincavam de casinha, e Gabriel aceitava qualquer papel, até o de cachorro, só para continuar a diversão ao lado dela. A cumplicidade era natural, espontânea, cheia de riso.

Na adolescência, como acontece em muitas relações intensas, vieram as brigas. Houve fases difíceis, momentos em que discutiam muito. Carolini, mesmo mais nova, percebia caminhos que não queria ver o irmão seguir e brigava com ele por preocupação. Nunca deixou de protegê-lo, nunca deixou de amá-lo. O amor permanecia, mesmo nos dias de “arranca-rabo”. Ela sabia que, por trás das escolhas e conflitos, existia o mesmo irmão superprotetor de sempre.

Gabriel tinha um jeito muito próprio de demonstrar carinho. Gostava de dar presentes, de chegar com chocolates ou salgadinhos escondidos, que quase nunca permaneciam escondidos por muito tempo. Ele colocava a família em primeiro lugar, sempre. Antes de qualquer amizade ou compromisso, vinham os seus. Essa prioridade absoluta marcou Carolini profundamente, a ponto de se tornar um aprendizado para a vida: primeiro os meus, depois o resto.

Ela o descreve como intenso, às vezes “meio louco”, mas equilibrado dentro da família. Era alguém que conseguia conversar com o pai, aconselhar a mãe, mediar situações. Tinha voz, tinha presença, tinha influência, e talvez por isso sua ausência pese tanto. Carolini sente que existe um espaço que nunca se fechou, uma parte que permanece incompleta. Muitas vezes se pergunta como seria se ele ainda estivesse ali, como a dinâmica da família poderia ser diferente.

O que permanece é o amor. Um amor que nunca diminuiu, mesmo nas brigas. Um amor que carrega saudade, mas também orgulho. Porque, acima de tudo, Gabriel foi irmão, amigo, parceiro de infância, e uma parte essencial da história dela.

Para Cibeli, irmã mais nova, Gabriel era tudo. Era irmão, era amigo e, muitas vezes, era como um pai. Assim como via em Carolini uma figura materna, em Gabriel ela encontrava cuidado, proteção e presença constante. Ela não consegue se lembrar de momentos realmente ruins ao lado dele. As implicâncias da infância, quando ele a irritava só para provocar, hoje são entendidas como a forma divertida que ele tinha de demonstrar amor.

Desde pequena, Cibeli era apaixonada pelo irmão. Ele era carinhoso, atencioso e muito dedicado à família. Cuidava dela nos dias em que não precisava trabalhar, preparava seu almoço favorito, arroz com ovo e milho, e trazia bolo de pote quando saía da pizzaria onde trabalhava. Foi ele, junto com o pai, quem lhe deu o primeiro celular aos 10 anos. Chegou até a comentar que queria ajudá-la a estudar em uma escola particular para que tivesse mais oportunidades no ensino médio. Era o tipo de irmão que pensava no futuro dela.

Gabriel faleceu quando Cibeli tinha apenas 11 anos. Na época, ainda criança, ela não compreendia totalmente o que era a morte, foi a primeira grande perda de sua vida. Hoje, já



Prefeitura do Município de Cajamar

ESTADO DE SÃO PAULO

Lei nº 2.253/2026 - fls. 8

adulta, sente a ausência de forma ainda mais profunda. A maturidade trouxe a real dimensão do que significou perdê-lo tão cedo.

As memórias são muitas e cheias de ternura. Ele a buscava na escola quando ficava doente para que os pais não precisassem sair do trabalho. Era vaidoso e exigia que as irmãs também fossem, se a visse na rua com o cabelo bagunçado, mandava subir para arrumar. Chamava-a de “sol” quando seus cabelos cacheados ficavam arrepiados e lhe deu o apelido de “Piu-Piu”, por causa dos olhos grandes. Era brincalhão, fazia piadas, implicava com ela, e ela, criança, caía em todas.

Também a incentivou sem saber: foi ele quem a deixou pilotar sua moto pela primeira vez, despertando nela o interesse por esse universo. Ela lembra de assisti-lo jogando videogame, de quando a deixou brincar de carrinho com ele e Mister, de cada pequeno gesto que hoje ganhou tamanho eterno. ✓

Para Cibeli, quando Gabriel partiu, foi como se uma parte dela tivesse ido junto. Ele foi tudo, e continua sendo. Seu jeito, suas risadas, suas palhaçadas permanecem vivos na memória. É um amor que não diminui com o tempo. Um amor que ela sabe que nunca vai deixar de sentir.

Os tios por parte de mãe, Edna e Sidney, esposa e marido, guardam lembranças muito vivas e afetivas de Gabriel, marcadas principalmente por sua alegria, simplicidade e pelas cenas que, hoje, parecem ter ficado eternizadas na memória da família.

Para Edna, Gabriel foi um “sobrinho de ouro”. Uma frase dita por ele nunca saiu de sua cabeça:

“Eu não gosto de fazer entrega de moto quando está chovendo.”

A lembrança se tornou ainda mais dolorosa pelo fato de ele ter falecido justamente em um dia chuvoso, enquanto fazia entregas de moto.

Outro momento que ela guarda com muito carinho foi o último dia em que o viu: Gabriel jogava bola na chuva com o pai e os tios, todos brincando como crianças, rindo e aproveitando o momento. Sem saber, aquela seria a última lembrança presencial que teria do sobrinho.

Edna também relembra, com um sorriso, de uma visita em que Gabriel apareceu com um presente inusitado: um ralador de nozes. Ao entregar o presente, disse espontaneamente:

“Tia, agora a senhora é uma Masterchef!”

Era o tipo de brincadeira simples, mas cheia de personalidade, que fazia todos rirem.

O que ela mais sente falta são exatamente essas palhaçadas, o jeito leve e brincalhão que ele tinha de transformar qualquer momento comum em motivo de riso. E, se pudesse falar algo para ele hoje, diria apenas:

“A tia te ama muito.”

Sidney, por sua vez, sempre o enxergou como um grande amigo e parceiro. Quando pensa em Gabriel, a primeira imagem que surge é a de seu sorriso e sua alegria constante.

Uma memória muito especial para ele foi o dia em que foram juntos para Jundiá. Gabriel abriu mão do trabalho para passar o dia inteiro com a família. Jogaram bola na chuva, conversaram, riram e aproveitaram a companhia uns dos outros.



Prefeitura do Município de Cajamar

ESTADO DE SÃO PAULO

Lei nº 2.253/2026 - fls. 9

Sidney também se recorda dos “papos de progresso” que tinham juntos, conversas sobre sonhos e planos. Gabriel falava sobre o desejo de comprar um apartamento na praia, sempre demonstrando vontade de crescer e conquistar suas coisas com o próprio esforço.

Para os dois, a presença de Gabriel deixou na família uma marca de alegria, simplicidade e exemplo. Sua forma leve de viver e sua determinação em correr atrás do que queria permanecem como inspiração e, ao mesmo tempo, como uma saudade profunda.

A tia-avó Zefinha conheceu Gabriel já crescido, “rapazinho”, como ela mesma descreve. Mesmo não tendo acompanhado seu nascimento, a primeira vez que o viu foi suficiente para que ele conquistasse seu coração.

Ela se recorda dele como alguém alegre, brincalhão e muito feliz com a vida. Uma presença leve, que conversava bem e transmitia alegria naturalmente. ✓

A lembrança mais marcante que guarda é de todos os momentos em que ele saía de casa enquanto ela estava presente. Gabriel sempre fazia questão de se despedir com um gesto carinhoso: aproximava-se, dava um beijo em seu rosto e dizia:

“Tchau, tia.”

E ela respondia sempre da mesma forma:

“Deus lhe acompanhe.”

Um domingo especial também ficou guardado em sua memória: um churrasco em família, todos reunidos, rindo, contando histórias e aproveitando a companhia uns dos outros. Para ela, aquele dia ficou eternizado como uma imagem de felicidade. Outra cena que não sai de sua cabeça é a de Gabriel saindo de moto, uma imagem que, hoje, carrega ainda mais significado em suas lembranças.

Ao falar dele, Zefinha resume o que sente em poucas palavras:

“Eu te amo. Saudade eterna.”

Para Edneia, madrinha de Gabriel, Gabriel foi mais do que um sobrinho: foi um anjo que passou pela vida da família deixando rastros de amor e alegria.

Ela guarda apenas lembranças boas. Recorda-se dele mexendo em seus bibelôs, das travessuras curiosas da infância, como a vez em que colocou pizza e pilha dentro do videocassete, e de como esses pequenos episódios hoje se transformaram em memórias cheias de ternura.

Um dos momentos mais guardados em seu coração são as férias que Gabriel passava em sua casa. Ele adorava ir, ficava muitos dias e só voltava no último momento possível. A casa parecia ganhar mais vida quando ele estava ali.

Ela também se lembra da felicidade imensa que ele sentiu ao ganhar seu primeiro videogame, presente de seu esposo Ricardo. Gabriel foi embora radiante, levando consigo o videogame e uma alegria impossível de esconder.

Para Edneia, Gabriel transmitia algo raro: uma mistura de alegria, respeito e carinho. Era extrovertido, brincalhão, bagunceiro na medida certa, mas ao mesmo tempo passava uma paz muito grande. Havia nele uma sintonia de amor que ela considera fora do comum para um adolescente.

Na sua visão, parecia que Gabriel deixou um pedacinho de si em cada pessoa da família. O sentimento que permanece é um amor enorme e uma lembrança muito doce. Para



Prefeitura do Município de Cajamar

ESTADO DE SÃO PAULO

Lei nº 2.253/2026 - fls. 10

ela, Gabriel foi um anjo que desceu à Terra para mostrar que um jovem pode ser carinhoso, amoroso, respeitoso e capaz de transformar o ambiente apenas com sua presença.

Para o padrinho Ricardo, é difícil traduzir em palavras o que Gabriel foi em sua vida, mas algumas sempre vêm à mente: felicidade, alegria e companheirismo. Ele lembra de um menino impressionantemente comunicativo, brincalhão e disposto a fazer de tudo para agradar as pessoas. Um menino maravilhoso, que marcou profundamente a história de quem teve o privilégio de conviver com ele.

Uma das primeiras lembranças que guarda é de 2007, quando era ritmista em uma escola de samba. Gabriel ainda era pequeno e passava as férias em sua casa. Ricardo o levava para os ensaios, e o menino ficava ali, observando tudo com atenção e encantamento. Anos depois, já adolescente, mostrou que o companheirismo continuava o mesmo: certa vez, mesmo estando com a família, insistiu em acompanhar o padrinho até São Paulo para um ensaio. Foram juntos, ficaram até o final, e voltaram conversando, rindo e compartilhando aquele momento que hoje permanece vivo apenas na memória. ✓

Ricardo também recorda com carinho quando comprou um videogame e decidiu enviá-lo para o sobrinho, imaginando a felicidade que aquilo traria. Até hoje, saber que o videogame continua na família aquece seu coração. Outra lembrança marcante foi quando seu filho Arthur nasceu: Gabriel vinha visitar, ajudava, apoiava, e tinha um jeito especial com o pequeno, que adorava ficar ao lado do primo "grandão". Ele sabia cuidar, sabia tratar bem as pessoas, tinha um coração generoso e atento.

O padrinho se emocionava ao ouvir as mensagens da mãe e do pai de Gabriel contando sobre seu crescimento, sua responsabilidade, o cuidado com as irmãs e o esforço no trabalho. Sentia orgulho ao saber que aquele menino estava se tornando um homem educado, companheiro, carinhoso e trabalhador, sem jamais perder suas origens.

A partida deixou uma lacuna difícil de preencher. A saudade permanece, assim como o orgulho. Para Ricardo, tudo o que Gabriel fez, mesmo em tão pouco tempo, tem valor de eternidade. Ele acredita que, onde quer que esteja, o sobrinho continua olhando pela família, feliz pela evolução de cada um. Gabriel nunca será esquecido. Seu nome, sua história e sua essência seguem vivos no coração de todos que o amam, como uma luz que continua a brilhar além da ausência.

Para seu Tio Forminha, Gabriel era um menino maravilhoso, cheio de sonhos e luz, alguém que preenchia o coração com amor apenas com sua presença.

Em um período da vida, forminha morou na casa da avó materna de Gabriel, um lugar que descreve como extremamente acolhedor. Na sala, havia um pufe muito disputado por todos por ser confortável, mas para ele e Gabriel, aquele era um espaço especial. Era ali que dividiam as sonecas da tarde: Gabriel deitado sobre sua barriga, em um gesto simples que traduzia a proximidade e o carinho entre os dois.

Entre os muitos momentos marcantes, dois permanecem muito vivos em sua memória. Aos finais de semana, costumavam ir juntos a um pagode familiar da cidade. Gabriel sempre o acompanhava, e as amigas comentavam o quanto ele era bonito, algo com que ele concorda sorrindo. Mas o momento que mais o marcou foi quando, inesperadamente, Gabriel lhe pediu a bênção. Ele ficou sem reação, tomado por uma felicidade profunda e inexplicável. ✕



Prefeitura do Município de Cajamar

ESTADO DE SÃO PAULO

Lei nº 2.253/2026 - fls. 11

Há também uma lembrança divertida que nunca esqueceu: na casa da avó, na área da frente onde todos costumavam sentar e conversar, havia vários furinhos na parede. Sem motivo aparente, Gabriel gostava de colocar a língua nesses buracos. Vilma vivia chamando sua atenção, mas bastava ela virar as costas para ele repetir a travessura. Hoje, essa memória arranca risos e uma saudade imensa.

O que mais faz falta para ele é o jeito simples, carinhoso e sincero de Gabriel. Se pudesse dizer algo a ele hoje, diria o quanto o ama e o orgulho que sente do homem que ele se tornou: educado, trabalhador e muito ligado à família.

Para o Tio Forminha, Gabriel deixou como herança um exemplo claro do que é o amor, um “menino de ouro”, como todos diziam, marcado pela simplicidade e pela bondade.

Para o tio Anderson, Gabriel sempre foi uma criança muito especial para toda a família. Desde pequeno, já demonstrava uma alegria contagiante. Uma das lembranças mais vivas que guarda é de quando ele ainda era bebê e todos o levavam para todos os lugares, especialmente no carnaval. Era colo para cima e para baixo, no meio da festa, e mesmo assim não dava trabalho algum. Pelo contrário, era só alegria.

Cresceu mantendo essa essência leve e extrovertida. Com Gabriel não havia tempo ruim. Ele brincava, sorria, envolvia todos ao redor com seu jeito espontâneo. Sua presença iluminava os encontros de família e transformava momentos simples em memórias marcantes.

Hoje, o que fica é a saudade dessas brincadeiras, dessas risadas fáceis, desse menino que se tornou parte fundamental da história de todos. Se pudesse dizer algo a ele agora, o tio Anderson diria o quanto é amado, o quanto sua presença foi importante e o quanto faz falta. Porque, para a família, Gabriel não foi apenas mais um, ele foi tudo.

Para Cristiane, prima de Gabriel e filha de Edna, a história com ele começou ainda na infância, quando os dois praticamente cresceram juntos na casa da avó Miralda. A ligação entre eles era tão forte que, para ela, Gabriel nunca foi apenas um primo, mas um irmão. Desde muito pequenos, Cristiane cuidava dele com zelo quase maternal, ajudando nos cuidados quando a tia Vilma precisava trabalhar. Lembra-se do Gabriel magrinho quando nasceu, das tardes de brincadeiras no Casqueiro, na Beira-Mar, e das pequenas cenas que ficaram eternizadas na memória, como o dedão dele que sempre machucava na dobrinha e o ouvido que frequentemente precisava de remédio, e ela estava sempre ali, pronta para cuidar.

Gabriel, segundo ela, nunca foi uma criança triste. Sempre extrovertido, alegre, comunicativo, carinhoso com todos, sem rivalidades, sem mágoas, alguém que abraçava as pessoas com facilidade e gostava de estar em família, em roda de amigos, em churrascos e momentos simples. Já na juventude, o orgulho que ele dava à mãe pelo seu esforço no trabalho como motoboy também marcou muito Cristiane, que o descreve como uma luz enorme, alguém sem luxo, sem vaidade, mas cheio de presença. A notícia de sua partida foi um choque devastador, recebida em um dia de muita chuva, dentro de uma pizzaria, transformando aquele momento em uma lembrança dolorosa e inesquecível. O desespero, o caminho a pé até a casa da avó, o enterro, o som das motos acelerando em sua homenagem, tudo ficou gravado em sua memória. Mas, acima da dor, o que permanece é a imagem do Gabriel alegre, dançando, brincando, jogando bola na chuva com os primos, sendo exatamente quem ele sempre foi. Para Cristiane, a maior saudade é dessa alegria que ele levava para qualquer lugar, dessa presença



Prefeitura do Município de Cajamar

ESTADO DE SÃO PAULO

Lei nº 2.253/2026 - fls. 12

que transformava o ambiente. E, até hoje, quando olha para o quintal da casa da tia Vilma, ainda consegue imaginá-lo ali, sorrindo, dançando e trazendo alegria para todos.

Para o primo Carlos, as lembranças de Gabriel estão profundamente ligadas à infância vivida na casa da avó, em um tempo que parecia simples e completo. Ele recorda do antigo corredor lateral que hoje já não existe mais, do espaço em frente ao ponto de ônibus com lojas, onde atualmente há um prédio, e de como aquele cenário era o palco das brincadeiras de bola, carrinho e bicicleta. Os pais sempre estavam por perto, o avô ainda era vivo e presente, e, ao final do dia, todos se reuniam na cozinha da avó para comer a comida feita por ela, reforçando a união que marcava aquela fase. A amizade entre os dois nasceu ali, ainda pequenos, e foi construída com leveza e companheirismo. Com o tempo, a mudança de cidade diminuiu a convivência, que passou a acontecer mais pelas redes sociais, mas Carlos acompanhava o crescimento do primo, o início no trabalho, as histórias do pescueiro e sua postura cada vez mais responsável. Gabriel, para ele, sempre foi centrado, comportado e dedicado à família, um primo mais velho que assumia naturalmente a posição de exemplo, que cuidava da mãe, das irmãs e demonstrava carinho pelo pai. Trabalhador e determinado, corria atrás de suas próprias conquistas sem perder a simplicidade. Carlos afirma que não guarda nenhuma lembrança negativa; tudo o que vem à mente são memórias boas, positivas, de orgulho por ter convivido com alguém assim. Sente falta das conversas que poderiam ter hoje, dos conselhos que talvez receberia, das saídas que fariam juntos. Lembra também do jeito inquieto de Gabriel, sempre querendo fazer algo, sem gostar de ficar parado. Para ele, o primo permanece nas recordações como presença de carinho, exemplo e amizade verdadeira, alguém que faz muita falta. ✓

Para a prima Michele, Gabriel sempre foi, e sempre será, uma pessoa maravilhosa, um primo especial e cheio de luz. Ela relembra com carinho o apelido que seu pai lhe deu ainda na infância: “Gabriel Lagartixa”, brincando que ele cabia dentro de uma caixa de sapato. A lembrança carrega afeto, risadas e a simplicidade de um tempo em que tudo era vivido com leveza. Para ela, Gabriel era um menino sorridente, amado e muito esperado pela família, alguém que irradiava alegria por onde passava.

As memórias mais fortes vêm dos encontros na casa da avó: os primos reunidos brincando na rua, as noites em que dormiam todos juntos, a cumplicidade e a diversão que só a infância em família consegue proporcionar. Michele acredita que Gabriel apenas partiu para um plano espiritual melhor, mas continua vivo entre eles, presente nas recordações e no amor que permanece. Para ela, ele é um anjo, e sua partida não foi um adeus, mas um até logo. Gabriel segue sendo parte da família, parte da história e parte do coração de todos que o amam.

Para o tio-avô Joel, Gabriel foi um anjo enviado por Deus para a família. Entre as lembranças que carrega com mais intensidade está uma cena da infância, no quintal da avó. Enquanto brincava, Gabriel correu em sua direção, o abraçou e disse que, quando completasse 20 anos, iria morrer. A fala inesperada o deixou profundamente incomodado e até bravo naquele momento. Quando a avó quis saber o motivo, ele apenas respondeu que o menino estava dizendo algo que não devia. Pediu que ele parasse de falar bobagem e voltasse a brincar, e Gabriel, obediente e educado como sempre, fez exatamente isso. Ainda assim, aquela frase ficou guardada em seu coração, como uma inquietação difícil de explicar. ✕



Prefeitura do Município de Cajamar

ESTADO DE SÃO PAULO

Lei nº 2.253/2026 - fls. 13

Anos depois, diante da partida precoce, a lembrança voltou com força, trazendo questionamentos e silêncio. Para Joel, Gabriel deixou um vazio enorme, mas também boas lembranças e a certeza de que foi um menino iluminado, amoroso e de essência pura. A dor da ausência permanece, mas ele se apega à fé, acreditando que Deus sabe de todas as coisas. O que fica é o amor eterno e a saudade de um filho do coração que partiu cedo demais.

Para os tios mais próximos por parte de pai, Nardo e a Ana, Gabriel era um menino simples e humilde, dono de um coração enorme e de uma dedicação que apontava para um futuro brilhante.

Entre as muitas lembranças que guardam dele, uma das mais marcantes é de quando ele ainda era pequeno e gostava de imitar Tiago. Observava atentamente seus gestos e, logo em seguida, repetia tudo, transformando a brincadeira em motivo de riso para todos ao redor. ✓

Um momento inesquecível foi o dia em que foram juntos ao Morumbi assistir a um jogo do São Paulo. A lembrança desse passeio permanece viva, associada à alegria compartilhada naquele dia.

O que mais sentem falta é justamente dessa alegria que Gabriel levava aos encontros de família, especialmente nos churrascos, onde ele estava sempre presente, animado e participativo.

Se pudessem dizer algo a ele hoje, diriam que foi um presente de Deus para a família, alguém que partiu cedo demais e cuja ausência ainda é profundamente sentida.

Para eles, Gabriel deixou como marca uma alegria que permanece viva nas memórias de todos, além do exemplo de dedicação e responsabilidade no trabalho, características que admiravam profundamente nele.

Para a prima Ana Beatriz, Gabriel foi a prova viva de uma frase que ela guarda com carinho: “a saudade é o azar de quem teve muita sorte”. Para ela, a sorte foi ter convivido com a alegria, a boa energia e o jeito brincalhão que ele tinha. É assim que ela escolhe se lembrar dele: sempre feliz, divertido e capaz de conquistar todos ao seu redor com sua leveza. A saudade que hoje permanece, segundo ela, existe justamente porque houve o privilégio de compartilhar, ainda que por pouco tempo, a presença tão marcante de Gabriel.

Para o primo Tiago, Gabriel não foi apenas um primo, foi também um dos seus melhores amigos de infância. Cresceram juntos, sempre lado a lado nos encontros de família, dividindo momentos que hoje, se transformaram em lembranças preciosas.

As memórias mais vivas que Tiago guarda são dos Natais em família. Eram ocasiões marcadas por risadas, união e alegria. Ele até conserva fotografias desses dias, registros de momentos em que a presença de Gabriel tornava tudo mais leve e divertido.

Uma história simples da infância acabou se tornando um clássico familiar por causa dele. Certa vez, a mãe de Tiago pediu que ele “envolvesse” um pano no chão após uma bronca, no sentido de limpar. A situação, por si só, não tinha nada de extraordinário. Mas Gabriel adorava contar essa história. E o jeito que ele narrava, cheio de expressões e humor, fazia todos ao redor rirem. Essa habilidade de transformar situações comuns em momentos engraçados era uma de suas marcas mais fortes.

Outra lembrança que Tiago carrega com carinho é algo muito particular: quando eram pequenos, Gabriel tinha a língua presa e não conseguia pronunciar seu nome corretamente. Em



Prefeitura do Município de Cajamar

ESTADO DE SÃO PAULO

Lei nº 2.253/2026 - fls. 14

vez de “Tiago”, ele o chamava de “Siago”. E, desde então, Tiago nunca mais ouviu ninguém chamá-lo assim.

“Foi o único que me chamou de Siago.”

Para Tiago, essa pequena falha na fala se transformou em uma das recordações mais únicas e afetivas que tem do primo.

Ao falar sobre o que mais sente falta, ele não hesita: é da capacidade que Gabriel tinha de animar qualquer ambiente. Sua presença garantia risadas. Havia nele uma leveza natural, um jeito divertido e contagiante de estar no mundo que tornava qualquer encontro mais feliz.

Se pudesse dizer algo a ele hoje, Tiago diria que a saudade é grande, que ele faz muita falta nos encontros de família e que, mesmo quando não se fala sobre isso, Gabriel está sempre presente na memória de todos.

Na visão do primo, Gabriel deixou uma marca muito clara por onde passou:

Leveza, alegria e risadas que permanecem vivas nas lembranças de quem conviveu com ele.

Para o amigo Caio, mesmo que o tempo de convivência com Gabriel não tenha sido longo, foi intenso o suficiente para deixar marcas profundas. Cada rolê, cada risada e cada momento vivido juntos se transformaram em histórias guardadas com carinho. Entre brincadeiras, pequenas discussões e muitas conversas, construíram uma amizade verdadeira. Caio relembra que, nos momentos difíceis, Gabriel sempre estava presente: quando ele passou mal, foi Gabriel quem o levou ao hospital; quando sofreu um acidente, foi Gabriel quem apareceu em sua casa para saber como ele estava. Essa preocupação genuína com os amigos era uma das marcas mais fortes de sua personalidade. Na época da pizzaria, Gabriel sempre passava por lá para conversar com Caio e Thomas, rir um pouco e tornar o expediente mais leve. Era presença constante, sorriso largo, alegria fácil. Caio recorda também de uma música que ele cantava com frequência, “Sou um Garoto de Ouro”, e diz que parecia ter sido feita especialmente para ele, porque Gabriel era exatamente isso: um menino original, puro, companheiro e dono de um sorriso que dificilmente se apagava. O dia de sua partida foi de profunda dor, mas a lembrança que permanece é a de um grande amigo, daqueles que o tempo não apaga. Para Caio, “Beri”, como era chamado pelos amigos, sempre será lembrado com amor, gratidão e saudade.

Para Patrícia e Jeferson, amigos que Gabriel considerava como tios, falar dele é como sentir uma leve brisa no rosto seguida de um sorriso inesperado. É lembrar dos sonhos que ele tinha, como o desejo de ser policial, das músicas, das risadas, das pequenas bagunças e, acima de tudo, do amor. Para Patrícia, falar de Gabriel pode até soar clichê, porque é falar de algo simples e profundo: é falar de amor. Ela o descreve como um menino sonhador, trabalhador, amoroso, engraçado e até “cri-cri” às vezes, com aquele jeito implicante que só tornava tudo mais divertido. Gabriel entrou em seu coração como um sobrinho, despertando nela o mesmo amor que sente por Cibeli e Carolini. Entre as lembranças que guarda com carinho estão os dias em que ele buscava seu filho mais novo, Josias, e o acompanhava até o ponto para pegar o ônibus escolar, demonstrando cuidado e responsabilidade, e também quando ajudou a organizar a festa de aniversário de Jeferson, participando com dedicação e alegria.



Prefeitura do Município de Cajamar

ESTADO DE SÃO PAULO

Lei nº 2.253/2026 - fls. 15

Jeferson, por sua vez, guarda Gabriel como um grande amigo que partiu cedo demais, mas que deixou marcas que o tempo jamais apagará. Ele fala de uma luz que continua guiando seus passos e de uma voz que ainda ecoa nas melhores lembranças. Para ele, Gabriel sempre terá um lugar reservado no coração, não apenas como um jovem querido, mas como alguém que dividiu momentos, amizade e vida de forma verdadeira e inesquecível.

Para Josias Gabriel, as lembranças de Gabriel começam na infância, em uma rua onde havia tantos meninos com o mesmo nome que ele ficou conhecido como “Gabriel da Vilma”. Na época, Josias era o menor da turma e brincava mais com Carol e Larissa, mas nas noites em que todos se reuniam para jogar Uno ou brincar de esconde-esconde, Gabriel sempre se destacava. Ele lembra, rindo, que o amigo era imbatível na brincadeira, se ninguém o encontrasse, ele simplesmente não saía do esconderijo, ficando horas quieto no escuro só para ganhar. Na visão do pequeno Josias, Gabriel era “grandão”, quase como um adulto, embora hoje perceba que ele também era apenas um menino. Com o passar dos anos, já adolescentes, Gabriel tinha sua moto, se reunia com os amigos no quintal e mantinha aquele jeito tranquilo e acessível. Mesmo sendo mais velho, sempre foi de boa com ele.

A última lembrança que guarda é simples e marcante: Josias foi colocar comida para o cachorro e viu Gabriel sentado no sofá do quintal de seu amigo Mister, cumprimentando-o com naturalidade, “E aí, Sirius?”, e Josias o respondeu com um “Eai, Viado!”, numa conversa breve que se tornou inesquecível. Para Josias, Gabriel era um jovem de muitos amigos, extrovertido, engraçado, alguém que se destacava onde chegava. Tinha muito ainda para viver e conquistar, mas deixou a alegria de ter crescido na vila, ao lado de pessoas que jamais esquecerão sua presença.

Gabriel Moraes, conhecido por muitos como Mister, foi mais do que um amigo para Gabriel, foi irmão de vida desde a infância até o último momento. A amizade começou assim que Mister chegou ao bairro, ainda menino, e Gabriel foi um dos primeiros a se aproximar.

A partir dali, nasceu uma ligação que atravessaria os anos e se tornaria inseparável. Viviam praticamente um na casa do outro; se Gabriel não estava em sua própria casa, era quase certo que estaria na casa de Mister. Cresceram juntos, brincando de carrinho, jogando videogame e, mais tarde, compartilhando a paixão pelas motos e pelas aventuras que vinham com ela.

Para Mister, Gabriel sempre foi companheiro e leal, uma presença constante no dia a dia. Desde cedo, incentivava os amigos a estudar, trabalhar e buscar progresso. Era o tipo de pessoa que se destacava naturalmente, bem recebido em qualquer lugar da cidade, alguém que acumulava amizades verdadeiras por onde passava. A perda deixou um vazio profundo, difícil de preencher, porque não era apenas a ausência de um amigo, mas de um irmão escolhido pela vida. Ainda assim, Mister carrega a certeza de que a luz de Gabriel permanece, iluminando e acompanhando aqueles que tiveram o privilégio de crescer ao seu lado.

Para Thaís, mãe de Mister, Gabriel sempre foi um menino sonhador. As conversas entre eles iam muito além do comum: falavam sobre a vida, sobre o futuro, sobre sentimentos. Ela lhe dava conselhos, mas se surpreendia ao perceber que ele também sabia aconselhar. Havia nele uma sensibilidade e uma maturidade que tocavam quem parava para escutá-lo.



Prefeitura do Município de Cajamar

ESTADO DE SÃO PAULO

Lei nº 2.253/2026 - fls. 16

Gabriel frequentava sua casa como se fosse extensão da própria. Era presença constante, parte da rotina, parte da família. Entre os amigos do filho, era um dos poucos com quem ela nunca implicava, ao contrário, tinha um carinho especial por ele. Via em Gabriel um jovem educado, respeitoso e cheio de planos.

A partida precoce interrompeu sonhos e projetos que tantas vezes haviam conversado juntos. Os planos para o futuro ficaram suspensos no tempo. Ainda assim, Thaís encontra consolo na fé, acreditando que Deus tinha outros caminhos preparados e que ele está em um bom lugar, um lugar de paz, onde, um dia, todos irão se reencontrar.

Para ela, Gabriel permanece eterno no coração. Não apenas como o amigo do filho, mas como um menino especial que marcou sua vida com conversas sinceras, carinho verdadeiro e uma presença que jamais será esquecida. ✓

Uma frase acompanhou Gabriel ao longo da adolescência e ficou marcada na memória de muitas pessoas que conviveram com ele: a ideia de que não chegaria aos 20 anos. Ele comentava isso com frequência, quase como algo dito sem peso, mas que acabava deixando quem ouvia desconcertado. Sua mãe, Vilma, guarda de forma muito viva um desses momentos. Certo dia, quando o levava para o curso de informática que ele fazia aos 14 anos, caminhavam pela calçada e ela pediu que ele ficasse do lado da parede, enquanto ela iria pelo lado da rua, explicando que, se algum carro viesse desgovernado, a atingiria primeiro. Foi então que ele respondeu, com naturalidade, que ela não precisava se preocupar, porque ele não viveria até os 20 anos. A frase, dita de maneira simples, atravessou o tempo e o coração de quem a ouviu. Anos depois, quando Gabriel partiu aos 19 anos, poucos meses antes de completar 20, a lembrança dessas palavras ganhou um peso ainda maior. Para a família e amigos Gabriel falava em uma convicção como quem sabia que iria morrer jovem, quase como uma premonição.

Ao longo da história de Gabriel, um detalhe curioso sempre chama a atenção da família: a repetição do número 7, como se ele estivesse discretamente costurado aos principais capítulos de sua vida. O próprio nome Gabriel tem 7 letras, ele nasceu prematuro de sete meses, no ano de 1997, e precisou permanecer sete dias na incubadora antes de finalmente ir para casa. Cresceu a maior parte de sua vida na Rua 27 de Julho, com julho sendo o sétimo mês do ano.

Sua partida também carrega essa coincidência numérica: faleceu no dia 17, no ano de 2017, e foi sepultado no cemitério de Cajamar na gaveta 17. Anos depois, quando foi exumado e levado para o Cemitério Parque da Paz em Jundiaí, onde hoje descansa, passou a estar na quadra D7, no jazigo 117.

Para muitos, pode ser apenas uma sequência de números. Para a família, é uma coincidência impossível de ignorar, um detalhe que parece ligar início, meio e eternidade, como se o número 7 tivesse acompanhado Gabriel desde o primeiro até os últimos capítulos de sua jornada.

No dia 17 de março de 2017, uma sexta-feira chuvosa, Gabriel saiu para trabalhar como em tantas outras noites. Era mais uma entrega de pizza, parte da rotina de quem nunca teve medo do esforço e sempre honrou o compromisso com o trabalho. Naquela noite, porém, seria a última. Durante o trajeto, acabou sendo fechado por um caminhão e, com a pista



Prefeitura do Município de Cajamar

ESTADO DE SÃO PAULO

Lei nº 2.253/2026 - fls. 17

molhada, não conseguiu frear a moto a tempo. O acidente foi grave, e a causa de sua morte foi traumatismo craniano.

A notícia se espalhou rapidamente, chegando primeiro a muitas pessoas de fora, enquanto a própria família ainda não sabia de nada. Sua irmã mais nova, Cibeli, viu uma postagem no Facebook falando sobre o luto pelo irmão e não entendeu o que aquilo significava. Confusa, mostrou à mãe, que pediu para ela parar com aquilo, dizendo que não se brincava com uma coisa dessas. Pouco tempo depois, a confirmação chegou à porta da casa deles.

Foi uma noite terrível. Uma noite de choro, dor e incredulidade. Uma noite longa, marcada pelo sofrimento de uma família que, no fundo, ainda esperava que houvesse algum engano, que o filho, o irmão, o primo, o amigo atravessasse a porta a qualquer momento. Mas era uma espera que não teria resposta. Gabriel não voltaria mais.

E assim permanece a história de Gabriel: não encerrada no dia 17 de março de 2017, mas continuada em cada memória, em cada ensinamento e em cada gesto de amor que ele deixou como herança. Sua vida foi breve em tempo, mas imensa em significado. Foi filho dedicado, irmão protetor, primo presente, sobrinho amado, amigo leal. Foi luz em muitos caminhos e abrigo em muitos momentos.

Gabriel ensinou, ainda tão jovem, sobre companheirismo, responsabilidade, cuidado com a família e intensidade ao viver. Ensinou que os “seus” vêm primeiro. Que um chocolate escondido, um conselho firme, uma risada alta ou uma simples presença podem marcar uma vida inteira. Ele construiu laços fortes, deixou raízes profundas e espalhou sementes que continuam florescendo nas atitudes de quem aprendeu com ele.

A saudade existe e sempre existirá, mas ela caminha ao lado do orgulho. Orgulho do menino sonhador que queria ser policial, do trabalhador responsável, do irmão que cuidava, do amigo que incentivava a estudar e crescer, do jovem que, mesmo em pouco tempo, viveu com intensidade verdadeira.

Se existe uma palavra que resume Gabriel, talvez seja amor. Amor em forma de cuidado. Amor em forma de proteção. Amor em forma de presença.

Sua história não termina aqui, porque continua sendo contada nas reuniões de família, nas lembranças da vila, nas risadas que surgem ao repetir suas frases, nos apelidos que ficaram, nas motos que despertaram paixão, nos valores que ele ajudou a construir.

Gabriel permanece, na memória, no coração.

E em tudo aquilo que o amor torna eterno.